

ENSINO MÉDIO REGULAR NOTURNO

**"REFLEXÕES, DESAFIOS E PERSPECTIVAS
SOBRE O ENSINO MÉDIO NOTURNO"**

2023



SUMÁRIO

03 Apresentação

06 Pressupostos do ensino médio

09 Os estudantes entre 15 e 17 anos

11 O ensino médio regular diurno e noturno e sua interface com a modalidade EJA

19 Algumas pistas sobre a demanda pelo Ensino Médio Noturno

20 Desafios para a gestão

26 Perspectiva para o Ensino Médio Noturno

30 Contribuições individuais dos entrevistados

31 Análises e sugestões da equipe de pesquisa

33 Ficha catográfica



APRESENTAÇÃO

O presente documento sintetiza múltiplos achados e reflexões que emergiram da iniciativa do **Instituto Fefig**, em parceria com a **Fundação Roberto Marinho** e o apoio do **Itaú, Educação e Trabalho**. Tal esforço procurou melhor compreender as tendências, potencialidades e desafios do Ensino Médio Noturno (EM-N), em sua oferta regular. Para a construção deste documento, foram realizadas consultas a dados secundários¹ e entrevistas individuais com especialistas. Os entrevistados foram:

Roberto Catelli Jr. – Coordenador da unidade de educação de jovens e adultos da Ação Educativa; diretor da educação de jovens e adultos do Colégio Santa Cruz.

Ruben Klein – Consultor da Fundação Cesgranrio; presidente da Abave; um dos maiores especialistas em avaliação educacional do país.

Haroldo Corrêa Rocha – Coordenador-geral do Movimento Profissão Docente; ex-secretário-executivo da Educação do Estado de São Paulo; e ex-secretário de Educação do Espírito Santo.

Romualdo Portela de Oliveira – Professor titular aposentado da Feusp, com vasta experiência em política educacional; presidente da Anpae e diretor de pesquisa no Cenpec.

Helena Abramo – Socióloga na Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Tem participado de diversas pesquisas sobre juventudes, principalmente nos temas relacionados ao modo de vida, cultura, trabalho e participação política.

Gabriel Barreto Corrêa – Diretor de políticas públicas do Todos Pela Educação, desenvolvendo análises e recomendações técnicas a fim de subsidiar as diversas esferas do poder público brasileiro na tomada de decisão no âmbito da educação básica.

Outra voz importante nesse debate é a dos e das jovens. E entre esses, especialmente daqueles para quem, por sua estrutura de vida ou trajetória escolar (na maioria das vezes fortemente interligadas), torna-se particularmente desafiador estudar durante o dia.

Com esse objetivo, foram organizados dois grupos focais online², envolvendo 16 jovens entre 15 e 23 anos. Onze eram do sexo feminino e cinco do sexo masculino, de diferentes regiões do país: dois do Centro-Oeste, três do Norte, dois do Nordeste, três do Sul e seis do Sudeste.

¹ IBGE/Pnad Contínua e Inep/Censo Escolar. Considerou-se como ensino médio regular as matrículas do propedêutico, normal/magistério e curso técnico integrado (ensino médio integrado).

² O grupo focal é uma abordagem de pesquisa qualitativa que busca facilitar o diálogo entre os participantes, encorajando-os a compartilhar suas experiências e percepções em torno de um tema específico. Essa metodologia permite a exploração aprofundada de um assunto, revelando a existência de diferentes pontos de vista ou até mesmo de um consenso. É importante ressaltar que os resultados obtidos por meio de pesquisas qualitativas não devem ser extrapolados para uma generalização estatística. Seu objetivo principal é compreender a complexidade e as particularidades do fenômeno estudado.

O grupo possuía as seguintes características:

- estudantes do Ensino Médio Noturno (três);
- estudantes do ensino médio regular diurno/integral, que preferiam estar no noturno (cinco);
- estudantes de EJA (seis, sendo dois a distância);
- jovens fora da escola que não concluíram o ensino médio (dois).

Pelo menos 1/3 dos 16 participantes haviam sido reprovados em algum momento de sua trajetória escolar, o que, em alguns casos, levou-os a frequentar a EJA. Duas jovens haviam abandonado a escola por conta de gravidez. Dentre os rapazes, nenhum havia interrompido definitivamente os estudos. Um deles, no entanto, deixou de frequentar a escola por um bimestre por estar trabalhando e não ter conseguido uma vaga no período noturno.

A análise dos dados secundários, bem como as opiniões dos especialistas e dos jovens consultados, permite perceber a importância e a complexidade do tema. E também retratar a multiplicidade de visões – por vezes fortemente antagônicas – quanto às perspectivas para o **Ensino Médio Noturno**. Isso reforça o questionamento: **o EM-N deve ser fortalecido ou reduzido a um patamar mínimo?**

Algumas falas dos **especialistas entrevistados** descrevem os dilemas que envolvem o tema:



“O principal argumento em defesa do EM-N é sua relevância: tem uma parcela da população que, se for estudar, vai estudar à noite; portanto, você não pode fechar o noturno. Tem que ter atendimento noturno” (Especialista)

“A chave para garantir [o direito à educação a todas as pessoas] é assegurar a diversidade de oferta. Abrir mão da escola noturna com o tamanho da questão social que envolve a sociedade brasileira é um erro grave. Os jovens vão desistir, não vão para o diurno. Só vai estimular a evasão, aumentar a proporção de não concluintes do ensino médio” (Especialista).

“O Ensino Médio Noturno sempre foi uma das estratégias para o jovem que precisa trabalhar e estudar ao mesmo tempo. É uma opção para o jovem trabalhador que quer continuar estudando” (Especialista).

“Quem deveria ir pra noite são pessoas mais velhas, com 19, 20 anos, que deveriam estar trabalhando e vão pra noite (...) [Até os 18 anos] tem que garantir o ensino integral, diurno, pra todo mundo, com auxílio. Dá uma bolsa! Tem bolsa pra tudo, porque não dar pro aluno? É um investimento que a gente está fazendo no jovem” (Especialista).

“A gente tem que ser mais radical com algumas coisas. Não dá pra colocar menino de 17 anos estudando de noite (...). Na minha visão, o que tinha que fazer é um esforço de colocar os meninos todos em escola de tempo integral, currículo e tempo integral... Mas a vida não é tão simples assim...” (Especialista).

“Acredito que empenhar esforços para qualificar o Ensino Médio Noturno é um caminho, olhando para o curto prazo apenas, dada a realidade que temos hoje. É preciso se pensar em como fazer uma transição de médio-longo prazo bem-feita, para um cenário em que o Ensino Médio Noturno vá se reduzindo ao longo do tempo, sempre respeitando a garantia do direito dos jovens à educação” (Especialista).

Os **depoimentos dos jovens** trazem concretude à ideia da ampla diversidade de contextos de vida e de expectativas das juventudes brasileiras. Mesmo sendo apenas 16 participantes dos grupos focais, suas falas revelam contradições e dilemas, em linha com aqueles já apontados pelos especialistas:



"Eu quero conciliar a vaga à noite pra fazer o técnico em enfermagem" (Jovem).

"Parei de estudar porque casei e desanimei de estudar..." (Jovem).

"Eu estudava no turno da manhã, mas parei por causa do meu filho, que não tem ninguém pra olhar ele. Estou tentando arrumar vaga à noite perto de casa, mas onde eu moro tem pouco ensino noturno" (Jovem).

"À tarde, eu curso tecnologia profissionalizante. Eu, assim como muitos jovens, pretendo ingressar no mercado de trabalho muito mais cedo (...). No total, eu já tenho 14 cursos" (Jovem).

"Eu quero ir pra noite pra poder trabalhar, mas os meus pais disseram que pode bagunçar, porque eu quero fazer faculdade (...)" (Jovem).

O documento sistematiza ainda uma série de reflexões elaboradas entre os componentes da própria equipe envolvida em sua construção. O grupo contou com representantes do Instituto Fefig (Eliane Macarini, ex-vice-presidente, e Bartholomeu Eneias Gomes da Silva, superintendente-executivo), da Fundação Roberto Marinho (Rosalina Soares, assessora de pesquisa e avaliação, Katcha Poloponsky, especialista em dados, e Felipe Santos, analista de pesquisa e avaliação), e da Conhecimento Social (Ana Lima e Fernanda Cury, pesquisadoras responsáveis pelo estudo).

PRESSUPOSTOS DO ENSINO MÉDIO

O ensino médio é a última etapa da escolarização básica. De competência prioritariamente dos estados, é assegurada como direito a todos e obrigatória até os 17 anos.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB – Lei 9.394/96) sintetiza as expectativas com relação a esta etapa:

- Consolidar e aprofundar os conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento dos estudos.
- Propiciar uma preparação básica para o trabalho e a cidadania, para poder continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores.
- Aprimorar o educando como pessoa humana, incluindo a formação ética, o desenvolvimento da autonomia intelectual e o pensamento crítico.
- Compreender os fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

Com a significativa ampliação de concluintes do ensino fundamental ao longo da década de 1990 e na primeira metade da década de 2000, houve uma **forte expansão da demanda por vagas no ensino médio**. Segundo o Censo Escolar do Inep, o número de estudantes no EM regular atingiu seu **ápice em 2004, quando totaliza mais de 9 milhões de matrículas**. Somadas às quase 1,2 milhão de matrículas na modalidade EJA, o total de estudantes do ensino médio acumulou um **crescimento de mais de 20% entre 2000 e 2004**.

De lá para cá, o número de matrículas no EM regular declinou: **em 2020 são 7,5 milhões de jovens matriculados no EM regular** (queda de 18% em comparação a 2004). As matrículas no **EM-EJA crescem proporcionalmente**, passando de 11% em 2004 para 14% do total das matrículas no ensino médio em 2020.





Apesar dos importantes avanços da educação brasileira a partir da década de 1990, ainda há uma distância importante a ser superada para que o país atinja a universalização do acesso à educação básica completa.

De acordo com dados da Pnad Contínua, **em 2019, mais de 11 milhões de brasileiros e brasileiras entre 14 e 29 anos nunca frequentaram a escola ou haviam deixado de estudar antes da conclusão do ensino médio.** Os homens representam a maioria desse contingente (58%) em todas as regiões do Brasil.

Dentre aqueles nessa faixa etária que chegaram a frequentar a escola, **a maior parte (cerca de 36%) abandonou os estudos aos 16 ou 17 anos.** O período e as razões que levam ao abandono diferem entre os gêneros: **até a idade de 13 anos, os meninos deixam a escola mais do que as meninas; e aos 15 e 16 anos, a proporção se inverte, prevalecendo as meninas.**

O **abandono escolar antes da conclusão da educação básica** está relacionado tanto a fatores internos quanto externos à escola. Na média nacional, 40% das pessoas declararam ter **necessidade de trabalhar**, enquanto 29% atribuem o abandono da escola ao **desinteresse pelos estudos**. Note-se que na região Norte, a ausência de escola, vaga ou turno aparece com um percentual (6%) muito superior aos apresentados nas demais regiões (entre 2 e 3%).

Dados da Pnad mostram que o **percentual de adolescentes e jovens excluídos do sistema educacional reflete desigualdades socioeconômicas estruturais** da sociedade brasileira. **Prevalecem jovens negras e negros, provenientes de famílias de baixa renda, com necessidade de trabalhar, vivendo nas regiões mais pobres do país.**

A partir da adolescência, **a diversidade de perfis, situações de vida e papéis sociais dos estudantes se torna mais ampla. Isso os coloca diante de situações** que podem parecer **mais relevantes ou atrativas** do que o ambiente escolar. Muitas vezes, **a escola não oferece perspectivas claras ou enfrenta dificuldade para acompanhar tais demandas.** Alguns dos fatores que contribuem para isso são:

- **A priorização do trabalho em detrimento do estudo** – seja por necessidade de contribuir com o orçamento doméstico, seja para possibilitar gastos pessoais que a família não pode ou não quer assumir.
- As demandas familiares no **cuidado com crianças ou pessoas idosas ou doentes** (afetando principalmente as meninas).
- O interesse em **outras opções formativas** (cursos profissionalizantes ou outras experiências **valorizadas pelo mercado de trabalho**).



"Se eu não passasse pra noite, eu perderia a oportunidade de trabalho; então passei pra noite pra poder trabalhar e estudar" (Jovem).

"Estudei na EJA de noite, fiz até o oitavo ano e tô fazendo o supletivo do ensino médio. Parei porque eu engravidei e, como era à noite, ficava ruim..." (Jovem).

"Eu trabalho no período da tarde e, além da escola, na sexta-feira e no sábado faço curso de auxiliar administrativo e antes fazia de auxiliar farmacêutico" (Jovem).

É ainda no ensino médio quando se apresentam, armazenadas, as fragilidades geradas dentro do próprio processo de escolarização:

- **As lacunas de aprendizagem** acumuladas no ensino fundamental, que **dificultam ou mesmo impedem acompanhar o conteúdo das aulas** e, portanto, desestimulam o interesse por sua continuidade.
- **O atraso escolar**, consequência de múltiplas reprovações no ensino fundamental, dificultando a integração dos alunos mais velhos a uma **dinâmica escolar pouco compatível com suas situações de vida**.

Em suas narrativas, os e as jovens descrevem uma sucessão de eventos que configuram uma trajetória cada vez mais comum: o atraso escolar. Este provoca um aumento do tempo de escolarização, que passa a competir com outras dimensões da vida, como a necessidade de trabalhar. E, como consequência, aumenta o interesse por vagas no Ensino Médio Noturno. Quando não disponíveis, esses jovens se veem levados a optar pela EJA ou a abandonar os estudos. Repetência e gravidez aparecem como causas frequentes.



"Eu repeti de ano duas vezes, o sétimo e o oitavo ano" (Jovem).

"Eu também repeti, não lembro quais foram as séries, mas repeti, eu acho que umas duas vezes" (Jovem).

"Eu rodei um ano e automaticamente decidi parar pra fazer a EJA, senão ficaria muito atrasada pra fazer o técnico" (Jovem).

"Quando eu engravidei, tive que parar e foi por isso que fui fazer a EJA" (Jovem).

Diante desse desafio, os indicadores apontam para a necessidade de um olhar multidimensional sobre a estrutura da oferta de ensino médio e, em particular, sobre o papel do Ensino Médio Noturno (EM-N). Este é uma importante alternativa para viabilizar acesso, permanência e conclusão da educação básica às juventudes brasileiras em sua diversidade.

OS ESTUDANTES ENTRE 15 E 17 ANOS

Embora o Brasil ainda tenha desafios para incluir todas as crianças entre 6 e 14 anos no ensino fundamental – especialmente depois da crise provocada pela pandemia da Covid-19 – **é no ensino médio que a universalização do acesso está mais longe de se efetivar.** Em 2019, de acordo com a Pnad Contínua³, eram quase 700 mil **adolescentes nessa faixa etária fora da escola.**

De acordo com os dados do Censo Escolar⁴, em 2019 existiam **8 milhões de estudantes com idade entre 15 e 17 anos na educação básica.** Estavam distribuídos nas diferentes etapas de ensino:

- 20% dos jovens nessa faixa etária frequentam o ensino fundamental regular.
- 73% o ensino médio regular.
- 6% o ensino fundamental na modalidade EJA.
- 0,3% o EM-EJA.

A proporção de jovens de **15 a 17 anos matriculada no EM regular (quase 3 em cada 4 na média nacional)** varia bastante por região: 79% no Sudeste, 77% no Centro-Oeste, 73% no Sul, 65% no Nordeste e 63% no Norte, indicando uma **maior distorção idade-ano nessas duas últimas regiões.**

Os dados da Pnad Contínua Educação 2019 mostram que a **proporção de jovens entre 15 e 17 anos fora da escola, sem ter concluído a educação básica ainda era significativa.** Equivalia a 7% dessa faixa etária. Em alguns estados, a proporção de jovens entre 15 e 17 anos fora da escola era ainda maior: Alagoas (14%), Acre (12%) e Rondônia (11%).

A analisarmos o grupo de adolescentes de 15 a 17 que não frequentavam a escola, constatamos que a maioria deles já teve experiência anterior com a instituição educacional. Desses, **38% abandonaram a escola após concluir o ensino fundamental.**

Dificuldades no acesso, altas taxas de reprovação, distorção idade-ano, evasão e abandono **não incidem da mesma maneira nas diferentes regiões do país.** E, sobretudo, **afetam de maneira desigual crianças e adolescentes negras e negros, indígenas e de condição econômica vulnerável.** Na faixa etária dos 15 aos 17 anos, dos que não estavam frequentando a escola e não tinham concluído a educação básica, **54% eram meninos e 46% meninas; 75% eram adolescentes negras e negros.**

³ Fonte: IBGE/Pnad Contínua Educação, 2019. As estimativas levam em consideração a idade em anos completos em 31 de março ou idade escolar.

⁴ Inep/Censo Escolar, 2019.

Com avanços na regularização dos padrões de fluxo escolar, é crescente a proporção de adolescentes entre 15 e 17 anos no ensino médio:

- Em 2004, cerca de 5 em cada 10 (51%) dos 9,2 milhões de matrículas no EM regular eram jovens entre os 15 e os 17 anos.
- Em 2020, as matrículas nessa faixa etária tiveram um crescimento de 28% e passaram a corresponder a 8 em cada 10 (79%) dos 7,5 milhões de estudantes cursando a etapa final da educação básica.

Vale ainda notar um importante **crescimento das matrículas na modalidade educação profissional e tecnológica (EPT)**, que passaram de 700 mil em 2005 a 1,9 milhão em 2019⁵. Apesar do aumento, o resultado ainda está distante da meta do Plano Nacional de Educação (PNE), que tem como objetivo superar os 5,2 milhões de jovens nessa modalidade educacional até 2024⁶. Tal crescimento se dá em intensidade ainda maior na faixa dos 15 aos 17 anos: eram 104 mil jovens nessa faixa etária em 2005 (menos de 15% do total) para 634 mil (33%)⁷.

Houve significativa ampliação das matrículas nas três modalidades de EPT:

- 1) Concomitante ao ensino médio, com matrículas distintas, podendo ser realizado em diferentes estabelecimentos educacionais.
- 2) Integrado, simultâneo ao ensino médio, com matrícula única e realizado no mesmo estabelecimento educacional.
- 3) Subsequente, destinado às e aos estudantes que já concluíram o ensino médio.

Esse aumento, junto com as falas dos estudantes, sugere a necessidade de um aprofundamento da interseção do EM, em especial para os estudantes do período noturno.



"Para eu concluir o técnico, eu preciso do meu ensino médio (...) porque hoje em dia, se você não tem uma qualificação mais específica, você não consegue vaga em nenhum lugar" (Jovem).

"Semana passada, eu terminei um curso que eu estava fazendo no Senai e agora eu tô fazendo só o meu técnico, que eu comecei esse ano" (Jovem).

⁵ INEP/Censo Escolar 2015 e 2019.

⁶ Consulta realizada no Observatório do PNE, em julho de 2024. Disponível em: <https://www.observatoriodopne.org.br/>

⁷ Inep/Censo Escolar 2005 e 2019.

O ENSINO MÉDIO REGULAR DIURNO E NOTURNO E SUA INTERFACE COM A MODALIDADE EJA



Segundo os dados do Censo Escolar de 2022, dos 7,9 milhões de matrículas no ensino médio regular, 6,5 milhões (82%) estão no período diurno, e 1,4 milhão (18%) no noturno.

Tomando-se por base o ano de 2007 e comparando-o com 2019, pode-se constatar que o número de matrículas no EM-N tem uma redução superior a 60%. Isso representa uma proporção muito maior que aquela observada para o EM como um todo, passando de 3,4 milhões para 1,3 milhão.



"A EJA, durante a noite, eu acho que é só pra quem não tem tempo mesmo e precisa estudar pra concluir... Um ano inteiro do "normal" você estuda uma série, mas à noite você vai estudar duas séries: são seis meses pra você aprender o que era pra aprender em um ano. Então, é mais difícil, é mais complicado, é mais coisa na sua cabeça, é muito mais rápido. Quando tá entrando uma coisa na sua cabeça, daqui a pouco já tá mudando, já é outra..." (Jovem).

A ausência de um registro pela demanda de vagas impossibilita identificar as causas da redução de matrículas no EM-N. Uma hipótese é que a mudança no perfil etário dos estudantes pode ter influenciado tanto na demanda quanto na alocação da oferta de vagas. Isso poderia ter levado a um incremento no período diurno e a uma redução das turmas noturnas nas escolas de ensino médio.

Vale ressaltar que o PNE define como meta para o ensino médio, em todas as suas modalidades, uma taxa líquida de matrículas de 85% até 2024. Dentre as 14 estratégias propostas para atingir esse objetivo, apenas uma se refere ao EM-N. Ela sugere "redimensionar a oferta nos turnos diurno e noturno, bem como a distribuição territorial das escolas de forma a atender a toda a demanda, de acordo com as necessidades específicas dos(das) alunos(as)".



"O PNE indica que as escolas deveriam fazer busca ativa, deveriam anunciar essas vagas e buscar pessoas que precisam dessas vagas. Deveria haver um registro nacional de interesse. A sociedade precisa de informação + advocacy sobre o assunto" (Especialista).

A análise desses dados provoca uma série de reflexões e indagações junto aos especialistas consultados no estudo. E muitas vezes elas são antagônicas. Alguns defendem a necessidade de manter um volume significativo de vagas no EM regular noturno:



"Você teve uma migração da matrícula pro diurno porque havia uma população que só estava no noturno porque não tinha oferta do ensino médio durante o dia. Talvez hoje, eu acho razoável que 20% da matrícula total do ensino médio seja de uma população que precisa estar à noite. E essa é uma demanda real" (Especialista).

"A queda de vagas não tem ocorrido pela redução de demanda e sim pelo fechamento da oferta. Pelo contrário, tem muita gente procurando trabalho. Demanda por vagas no período noturno certamente existe. O Brasil é altamente demandante do ensino noturno. A questão é que não há interesse ou vontade política de incentivar estudo noturno. Querem apostar em escola de tempo integral e fechar o noturno e a EJA. A demanda não é registrada e não pode ser quantificada" (Especialista).

"Acho que tem demanda reprimida para o Ensino Médio Noturno, principalmente se a gente considerar a população que está fora da escola, que a gente quer trazer de volta. Por exemplo, uma das questões que entraram na agenda pós-pandemia, com clareza, é a busca ativa. Busca ativa no ensino médio, você tem que ter oferta noturna e tem que criar as condições pra ele ficar lá, o que não é trivial. Significa, provavelmente, você ter uma política de uma renda cidadã maior..." (Especialista).

"Alguns estados estão fechando o noturno (...). "É uma barbaridade! Porque há uma correlação alta entre o aumento da matrícula líquida no ensino médio e o aumento da matrícula no noturno. Ou seja, se nós queremos, de fato, colocar 100% da população na faixa etária no ensino médio, nós temos que ter noturno" (Especialista).

Outros defendem a necessidade de assegurar condições para que os e as jovens – especialmente aqueles até os 17 anos – possam frequentar a escola durante o dia:



"A política correta não é investir em um Ensino Médio Noturno, mas investir no ensino médio regular com itinerários que incluam a parte técnica, não ficar só na teoria... Para os alunos mais velhos, que já passaram da idade, você tem que pensar em fornecer empregabilidade, uma EJA que funcione, bem-pensada, que não seja igual ao regular, com menos matérias, ver o que é essencial, e o profissionalizante técnico pra dar empregabilidade. Acho que esse é o caminho" (Especialista).

"O EM-N tinha que ser diferente. Hoje, ele sofre o maior preconceito – 'noturno é pior que EJA' – em relação à produção acadêmica e fóruns especializados... Poucos pensam sobre o Ensino Médio Noturno e ninguém está disposto a brigar por sua diferenciação, suas especificidades... Teria que ter uma metodologia similar à EJA. Os próprios professores poderiam pensar um currículo específico" (Especialista).



“Pela legislação brasileira, a idade correta do ensino médio é de 15 a 17 anos. Com atraso, até 19 anos. A maioria é adolescente. Ter essas crianças à noite num país tão violento quanto o nosso (...). Eu acho que não ter Ensino Médio Noturno, nessa ótica, é questão de proteção do jovem” (Especialista).

“Via de regra, o período noturno é reduzido quando comparado ao turno da manhã ou vespertino. Professores e estudantes mais cansados, menos motivados, uma dificuldade imensa de criar vínculos, por conta das condições desfavoráveis dos dois lados... A consequência é um ensino muito precarizado, como evidenciado pelos indicadores educacionais que mostram piores resultados para o Ensino Médio Noturno” (Especialista).

Os jovens que atualmente estão ou prefeririam estar estudando no período noturno, bem como aqueles que considerariam a possibilidade de voltar a estudar nesse turno, corroboram a dificuldade em obter uma vaga no ensino médio regular noturno. Com isso, a EJA, muitas vezes, é a alternativa para esses jovens.



"Aqui na minha região tinha bastante escola com vaga à noite. Agora já não tem mais, mas pra mim tinha que abrir mais vagas. As escolas aqui são muito boas, são enormes... Não sei por que não tem à noite, tem tudo para ter! Tinha que ter vaga e muita vaga! Todo mundo reclama!" (Jovem).

"Na minha escola, como não tem turma noturna, os alunos costumam estudar de manhã e trabalhar de tarde. Essa é uma das alternativas de onde eu moro pra poder estudar e trabalhar ao mesmo tempo, só que fica mais exaustivo" (Jovem).

"Muitos não conseguem nem comer direito, pois saem da escola e vão correndo trabalhar" (Jovem).

Muitos estudantes concordam com os especialistas, reconhecendo que ir para a escola à noite é muito cansativo e, por vezes, pouco efetivo. Comentam ainda sobre a forma preconceituosa com que é visto o estudo no período noturno:



"Tem dia que você está voltando do trabalho dentro do ônibus e pensa 'E se eu passar direto pra minha casa e ficar quietinha descansando?'. É muito complicado. Acho que só consegue quem realmente quer!" (Jovem).

"Realmente cansava demais. Eu chegava na escola e às vezes cochilava de tanto cansaço, e acabava perdendo a aula... Eu geralmente só ia mesmo pra contar a presença. Às vezes, eu pegava algum trabalho de compensação de nota e fazia em casa e entregava depois. Eu acabei ficando de recuperação por conta disso e foi muito corrido, cansou demais" (Jovem).

"Eu estou fazendo o 3º ano de ensino médio à noite, já estou quase finalizando. Prefiro estudar à noite porque tenho uma filha de 1 ano, e de dia sobra mais tempo pra cuidar dela, pra fazer as outras coisas da escola, dentro de casa. De dia, o meu marido trabalha, aí à noite ele já me ajuda, ficando com ela enquanto eu vou... Às vezes, eu levo a nenê" (Jovem).

"Pra mim, ter passado pra noite continua sendo a mesma coisa. Em relação a esse preconceito, eu vejo que muitos amigos meus também falam isso, que a qualidade à noite é ruim... Mas eles falam isso sem nunca ter estudado à noite" (Jovem).

A redução nas matrículas do EM-N **não se dá de forma homogênea em todo o país**. No período entre 2007 e 2019, o Nordeste foi a região onde ocorreu a queda mais acentuada de matrículas (-72%). Em seguida, vêm as regiões Centro-Oeste e Sudeste (respectivamente -61% e -60%); e, finalmente, as regiões Sul (-48%) e Norte (-47%).



“Teria que ter mecanismos de registro de demanda mais precisos. E se você não tem isso centralizado, as escolas vão jogar com isso de um jeito ou de outro. Teria que ver como cada secretaria registra isso. Não tem outra conclusão, porque não há razão nenhuma para um determinado estado ter uma demanda menor do que o resto do país. Inclusive, outros estados da mesma região, que têm matrícula muito maior” (Especialista).

“Em São Paulo, por exemplo, tem bastante gente no noturno. Por quê? Porque falta escola no período diurno nas periferias (...). Nas regiões mais consolidadas, nas partes mais centrais das cidades, aí você tem escola sobrando. Você pode trazê-los pra cá, e se faz isso, mas às vezes tem que viajar tanto, que o menino prefere estudar lá de noite. Esse é um retrato. Por que mais eles estão à noite? Porque tendo a oferta, eles vão” (Especialista).

Como consequência dessa dinâmica, **a proporção de estudantes que frequentam o Ensino Médio Noturno tem seu patamar mínimo nas regiões Centro-Oeste e Nordeste (15%), seguidas pela Sudeste (18%) e, depois, Sul e Norte (22%)⁸.**

Quando se considera a proporção de jovens na idade esperada (15 a 17 anos) frequentando o EM no período noturno, algumas diferenças regionais (até certo ponto contraintuitivas) merecem ser notadas:

- Em 2019, na região Nordeste essa proporção é bastante inferior à média nacional (8% contra 13% no Brasil).
- O oposto acontece na região Sul (18% contra 13%). E, em especial, no estado de Santa Catarina, onde a proporção é de 25%.

Essa redução na matrícula do EM-N regular antecipa reflexões sobre a sua intersecção com a EJA, tanto aos olhos dos estudantes quanto das redes de ensino.

Embora concebido, caracterizado e estruturado de maneira distinta do ensino médio regular e voltado para outro perfil de público, o **EM-EJA é uma alternativa, especialmente para os estudantes do período noturno**. Dada a complementariedade entre a modalidade EM-N e EM-EJA, vale observar que a **grande maioria (por volta de 90% daqueles que declaram o turno) das turmas na modalidade EJA ocorre no período noturno**.



“Eu prefiro fazer a EJA. Porque eu acho que é menos complicado, sabe? Em relação à carga horária. É menos tempo e mais atividade pra fazer em casa” (Jovem).

“O ensino médio à noite é bem longe da minha casa. O mais perto que tem é a EJA. Mas eu não quero terminar o meu ensino médio na EJA, quero terminar o ensino médio mesmo, certinho” (Jovem).

Ainda que estruturada para atender estudantes de faixas etárias mais avançadas, a **educação de jovens e adultos**, como se sabe, **vem crescentemente absorvendo contingentes cada vez mais significativos** de jovens nas **faixas etárias imediatamente sequenciais à “idade esperada” para o ensino médio**.

A conclusão em **metade do tempo previsto para a educação regular**, com **certificação equivalente** e com **menores exigências** em termos de aprendizado, se constitui em **potencial atrativo** para os jovens. E especialmente para aqueles **com maiores desafios para acompanhar o EM regular** e com **baixas expectativas quanto ao ingresso no ensino superior**.

⁸ INEP/Censo Escolar 2019.

Diferentes percepções emergiram das falas dos especialistas entrevistados:



“Eu acho um crime você ter EJA pra 16, 17 anos, isso tem que ser no regular. Tem que dar um jeito de fazer uma aceleração e resolver o problema, não é jogar pra EJA” (Especialista).

“Acho que a ausência de políticas em termos nacionais é muito preocupante. Da mesma forma para a EJA. A EJA tem o sentido de garantia de direitos, pra quem perdeu a oportunidade, não teve a oportunidade, mas pensando na grande política pública, você tinha que ter políticas sólidas pro Ensino Médio Noturno” (Especialista).

“Os sujeitos que frequentam o curso noturno e a EJA são basicamente os mesmos. E, vira e mexe, ficam pulando de um pra outro, porque a escola só tem a EJA ou só o noturno” (Especialista).

“As redes públicas, de forma quase velada, fazem um certo expurgo dos mais velhos, que são empurrados pro noturno ou pra EJA (após dois anos de reprovação)” (Especialista).

“Muitas vezes os jovens (16, 17 anos) optam pela EJA não por fazer mais rápido, mas porque queriam o ensino noturno” (Especialista).

“Você tem aquela cultura de que ‘defasou um pouquinho, joga pra EJA’, mesmo antes do jovem completar 18 anos. Isso é uma coisa muito presente na nossa cultura escolar. E pode ser também política das secretarias de refrear as matrículas no regular e canalizar tudo pra EJA” (Especialista).

Faltam dados mais recentes que permitam dimensionar com maior clareza o perfil dos estudantes que frequentam o EM-N, especialmente **no que diz respeito às razões dessa opção (ou eventual falta de opção)**. Apesar disso, sabe-se que nessa etapa e modalidade de ensino existe uma maior heterogeneidade entre os estudantes:

- aqueles que vêm de uma trajetória educacional contínua, com pouca defasagem na relação idade-ano;
- aqueles que retomam sua escolarização depois de algum período de interrupção.

E, para ambos os casos, aqueles que estão inseridos no mercado de trabalho com diferentes graus de formalidade.

São também **diferenciados os objetivos dos estudantes**. Alguns entendem essa etapa como uma preparação para a continuidade dos estudos em nível superior. Já outros não pretendem dar continuidade à sua escolarização.





“Grosso modo, a população do noturno se divide em dois movimentos, um que quer se profissionalizar e outro que quer seguir adiante, que mais ou menos é a contradição do ensino médio como um todo. O grande problema é você compreender essas características para a formulação de políticas” (Especialista).

“A sensação que tenho é que a gente precisa pensar nesses dois desejos da população que está no noturno. Talvez tenha aumentado essa turma da profissionalização, que é a turma que tem um pé maior no trabalho” (Especialista).

“O número de estudantes que trabalham também não é tudo isso, são os mais velhos. Eu percebi que os alunos não estavam trabalhando. Eles queriam procurar emprego, mas não há emprego, a gente sabe que não há emprego pra essa turma” (Especialista).

Para os jovens, é clara a importância da conclusão do ensino médio para a inserção no mercado de trabalho:



“Eu acho que a escola é superimportante pra arrumar serviço, mas não só. Eu tenho dois filhos, então, eu estudo porque quero dar um exemplo pra eles e também pra influenciar eles, pra eles não parem igual eu parei. Acho que sem estudo não somos nada na nossa vida” (Jovem).

“Na minha família mesmo, tem pessoas que não se formaram e, pra arrumar emprego, é muito complicado. Meu primo trabalha no ferro-velho. É um emprego digno, mas pra arrumar um emprego como ele queria, ter um emprego mais certinho, é complicado” (Jovem).

“Sem ensino médio não consigo concluir cursos profissionalizantes ou técnicos ou até mesmo uma graduação, porque hoje em dia está muito difícil conseguir um trabalho sem qualificação” (Jovem).

“Eu acredito também que a escola não é só trabalho. Ela ajuda a desenvolver habilidades sociais que também ajudam no trabalho, mas de forma ampla e geral, ajudam a interagir com diversos tipos de pessoas. Isso também ajuda no trabalho, mas é algo extremamente importante na sociedade. A gente é obrigada a interagir e isso me ajudou bastante, pois eu sempre fui uma criança, uma adolescente tímida. A escola meio que me obriga e me ensina a como lidar com o público, como falar em público (...). Por mais que muitas vezes não funcione da maneira que deveria ser, acho que ajuda de uma certa forma essa parte” (Jovem).

Sendo o **trabalho uma das motivações mais frequentemente apontadas como razão para o abandono dos estudos**, vale sistematizar alguns dados que ajudam a melhor compreender a intersecção entre trabalho e escola. Em 2019 a Pnad Contínua apontava um universo de 50 milhões de jovens entre os 15 e os 29 anos: 9,4 milhões entre 15 e 17 anos; 24 milhões entre os 18 e os 24 anos; e 17 milhões entre 25 e 29 anos.

No grupo mais jovem, **dos 15 aos 17 anos, 79% apenas estudava** (escola, curso pré-vestibular, cursos técnicos, magistério ou qualificação profissional). Outros **12% estudavam e trabalhavam, 3% apenas trabalhavam e 7% não estavam ocupados ou estudando**.

O trabalho, como motivação para estudar no turno da noite está presente em quase todas as falas: seja enquanto gerador de renda no momento atual, seja enquanto oportunidade de inserção desde cedo em um contexto de trabalho que poderá garantir um futuro melhor.



"A maioria trabalha pra conhecidos, alguém que está montando uma lojinha e aí chama o filho de um amigo pra trabalhar junto, pra ajudar, pois a pessoa estava procurando trabalho" (Jovem).

"Eu moro no Distrito Federal, aqui é muito lotado, não é interior, não é cidade pequena. Aqui, nós conseguimos emprego por CIEE, Senac, por empresas que prometem trabalho pra menores aprendizes, que é pra menores de 18 anos" (Jovem).

"Até ano passado eu estava no período da noite, mas surgiu essa parada de ensino integral e atrapalhou muito porque eu tava trabalhando, a situação não tava boa pra mim nem pros meus pais, eu precisava muito trabalhar. Enfim, não pude mais trabalhar (...)" (Jovem).

"Eu penso em relações internacionais... Por isso que eu tô procurando trabalho, pra eu juntar dinheiro. Sempre que eu posso, eu tô estudando, tô bem focada mesmo" (Jovem).

Como se vê, chama atenção o alto número de estudantes buscando outras formas de qualificação, externas à escola. Daí quererem tempo livre durante o dia, por entenderem que isso amplia a possibilidade de uma entrada mais qualificada no mundo do trabalho. A escola, por sua vez, não aparece para esses jovens como um caminho para ampliar suas qualificações, para fazer a diferença quando se trata de ascender a melhores oportunidades de trabalho.



"Eu acho que os cursos são algo fundamental pra pessoa que quer entrar no mercado de trabalho e conseguir um emprego bom, pra conseguir se manter. E os cursos abrem portas pra isso" (Jovem).

"Você ter o curso no currículo já é um diferencial, porque se você for fazer uma entrevista de emprego, você deixou seu currículo, e uma pessoa tá cheia de cursos, qualificações, e você não tem nenhum, você acha que eles vão em quem tem qualificação ou em quem não tem?" (Jovem).

Na visão, dos e das especialistas:



"O trabalho não é necessariamente opção que atrapalha os estudos, mas uma forma de garantir a continuidade depois" (Especialista).

"Existem situações na vida dos jovens em que ele terá de trabalhar. Partindo dessa constatação, uma vez que é impossível controlar todos os elementos dessa situação, a ideia é que se possa possibilitar a conciliação. Acho que a pior saída é, frente a uma situação desse tipo, forçar o jovem a escolher entre uma das duas, em vez de pensar em aumentar as condições para que ele possa equilibrar a equação... Porque, se você forçar ele a escolher um dos lados da equação, ele vai abandonar o que for menos vital para ele naquele momento. Assim, vai acabar anulando algum dos pedaços da equação que ele está tentando montar, e vai atropelar algum dos direitos dele..." (Especialista).

"Na Agenda Nacional do Trabalho Decente para a Juventude⁹, um dos eixos mais importantes é aquele que trata do direito do jovem trabalhador a poder conciliar trabalho, escola e vida familiar de forma decente. Ou seja, que uma esfera não prejudique a outra. Percursos de formação escolar e percursos de iniciação laboral se cruzam na vida do jovem brasileiro. E, em especial, na dos jovens de famílias trabalhadoras, que são a maior parte da nossa juventude" (Especialista).

⁹ Lançada em 2006, sob a coordenação da Secretaria Nacional da Juventude e do Ministério do Trabalho e Emprego, com assistência técnica da OIT.



“Ao invés de você contrapor um direito a outro, você tem que ter condições dos dois serem exercidos em conciliação, que um não prejudique o outro. E que isso exigiria, evidentemente, adaptações tanto na dimensão do trabalho como na dimensão da educação. A educação tem que considerar que existem jovens trabalhadores e que esses jovens também têm direito à educação, em algum momento da vida” (Especialista).

“Ao invés de ficar postergando a idade de ingresso no mundo do trabalho, de quem quer ou precisa trabalhar, é preciso pensar em formas de conciliar os dois percursos, o dos estudos e o do trabalho, para que um não anule o outro” (Especialista).

“Pergunta: quando se insiste em um modelo de educação no qual apenas os jovens com uma trajetória e situação de vida ‘ideal’ podem usufruir, estamos promovendo de fato a garantia do direito à educação? Ou estamos, na verdade, criando obstáculos pra garantir o direito à educação dos jovens que não estão nesse padrão ‘ideal’? Eu acho que isso vai na contramão de todas as conquistas da educação inclusiva, pois ao invés de oferecer uma escola que acolha e garanta educação de qualidade a todos, conforme suas diferenças e particularidades, exige um jovem ideal para se adaptar ao modelo ideal de educação. E quem estiver fora desse padrão não consegue se encaixar nessa escola” (Especialista).

“Ao contrário do que os empresários reclamavam uma década atrás, de que não havia jovens qualificados – ‘é preciso qualificar os jovens!’, ‘apagão de profissionais qualificados!’ –, hoje, do ponto de vista das e dos jovens, a queixa é o contrário: ‘eu não encontro emprego pra qualificação que eu tenho’, ‘só encontro emprego com uma qualificação abaixo’. E isso, muito mais do que qualquer outro fator, pode ser um desestímulo pros jovens continuarem estudando” (Especialista).

“Para uma parcela da população, só é possível estudar no período noturno. Isso vale pra quem já está estudando e pra aqueles que atualmente se encontram fora da escola: se se dispuserem a retomar os estudos, o mais provável é que procurem fazê-lo no período noturno. O mesmo vale para os jovens entre 15 e 17 anos que ainda estão cursando o ensino fundamental: se continuarem a estudar, continuarão no período noturno. Assim, a oferta de turmas de ensino médio no período noturno deve ser vista como uma condição para garantir a universalização do direito de acesso à educação básica. Uma evidência disso é que os estados que têm as maiores taxas de matrícula líquida no ensino médio são exatamente aqueles que têm maiores taxas de matrícula de 15 a 17 anos no período noturno. Em outras palavras, para garantir que todos os jovens e todas as jovens de 15 a 17 anos estejam estudando, é necessário ofertar o ensino noturno” (Especialista).



ALGUMAS PISTAS SOBRE A DEMANDA PELO ENSINO MÉDIO NOTURNO

Uma fonte complementar relevante para aprofundar as potências e limites do EM-N foi o levantamento realizado pelo Itaú Social e Fundação Lemann. A pesquisa registrou a opinião de 455 pais e responsáveis por estudantes de até 18 anos incompletos que atualmente frequentam o ensino médio (sem distinção de turno) em todo o país. Os resultados foram obtidos por meio da inclusão de uma pergunta no estudo.

Diante da questão “Na sua opinião, se o/a estudante sob sua responsabilidade pudesse escolher entre as opções que vou ler, qual seria a mais adequada para ele? E a segunda mais adequada?”

1ª e 2ª opções:

- **72%, o turno matutino, em modalidade totalmente presencial.**
- **51%, o turno vespertino totalmente presencial.**
- **25%, o noturno totalmente presencial.**
- **11%, o noturno parcialmente à distância.**

As respostas convergem com a percepção dos especialistas, para os quais o EM-N se apresenta como uma potente alternativa para o acesso e permanência na última etapa da educação básica. Entretanto, notam-se diferenças relevantes, de acordo com o perfil das famílias desses jovens estudantes.

Segundo seus pais e responsáveis, o EM-N estaria entre as duas primeiras opções:

- Para 30% dos estudantes do sexo masculino, contra 21% do sexo feminino.
- Para 34% dos estudantes cujos pais têm apenas o ensino fundamental, contra 27% daqueles com ensino médio, ou 11% dos pais ou responsáveis com ensino superior.



"E eu gosto bastante de estudar no noturno porque sobra bastante tempo livre, no caso, na parte da manhã e da tarde. Dá pra fazer bastante coisa que você precisar, além de trabalhar" (Jovem).

"Conheço amigos meus, do meu próprio colégio, que fazem curso, trabalham também. Estudando à noite, você tem mais tempo pra focar no que você quer fazer, seja um trabalho, seja um curso, seja um jovem aprendiz. Sobra tempo, entendeu?" (Jovem).



DESAFIOS PARA A GESTÃO

Tanto os defensores da continuidade e do fortalecimento do EM-N quanto aqueles que prefeririam viabilizar a inserção de todos os jovens nas turmas diurnas concordam que a manutenção do período noturno representa um grande desafio para a gestão das redes e das escolas.



“Sabe-se que a qualidade do Ensino Médio Noturno é pior do que a das turmas diurnas. Essa costuma ser uma das justificativas pra acabar com ele. Mas, de fato, isso tem a ver com custo... Manter 3º ou 4º turno da escola é caro” (Especialista).

“O diretor fica com um grande problema: a rede não cria um módulo específico para o noturno e o diretor tem que manter a escola com a mesma verba que manteria só diurno, com um público muito mais complexo e mais vulnerável. Os diretores torcem pra fechar turmas porque pra ele é só trabalho e problema” (Especialista).

“É a lógica de ‘cobertor curto’. Ao investir mais recursos para o diurno, o noturno vira ônus pra escola, que não recebe recursos adicionais pra manter o noturno. Além disso, é preciso levar em conta que nas escolas na periferia, à noite, há muitos riscos de violência. Na visão dos gestores escolares, o ensino noturno ‘só cria problemas’” (Especialista).

“Há uma seleção no interior das redes que joga o professor pro diurno e pro regular e pras regiões mais centrais. Numa escola com turmas à noite, você tem uma rotatividade infernal, porque a primeira chance que o professor tem, ele vai querer ir pra uma situação mais tranquila (...). É preciso ter política de estímulo, aqueles adicionais que você tem nos planos de carreira. Tem que criar condições pra estabilizar as equipes. E isso é estímulo financeiro, não tem jeito. Ele tem um custo adicional quando está nessas escolas. Esse é um problemão. Você não estabiliza equipes, não estabiliza projeto pedagógico e é uma reação em cadeia” (Especialista).

“Dá tanta dor de cabeça, que é mais simples tirar da estatística... Mas isso não resolve a questão social” (Especialista).

A visão dos e das jovens que estudam ou estudaram no período noturno corrobora – ainda que não de forma unânime – a preocupação dos especialistas em relação às condições de estudo no período noturno:

Na disponibilidade de infraestrutura:



“Aqui, a secretaria não é aberta de noite, nem a biblioteca e nem a sala de informática. Tem a janta e depois volta pra assistir as aulas novamente” (Jovem).

“Se preciso fazer um trabalho e não tenho computador, à noite não tem acesso. A secretaria, à noite, só funciona na quarta-feira. Mas a biblioteca é aberta todos os dias e sempre tem lanche na hora da entrada” (Jovem).

“Todas as escolas aqui em Porto Velho dão merenda de noite, mesmo sendo EJA. O pessoal da noite não tem acesso à sala de informática. Se precisa, eles pedem pra você ir em uma papelaria próxima pra usar o computador de lá” (Jovem).

Nas questões de segurança:



"Poderia ter mais patrulha nas escolas, porque onde eu moro, não tem nenhuma segurança, o caminho é deserto à noite e, como não tem vaga, então tem pouca gente estudando à noite" (Jovem).

"Eu acho que o perigo não é na escola em si, mas sim no caminho, porque muita gente vai a pé, e não tem ninguém que você conhece que vai nesse mesmo caminho, então ela acaba indo sozinha" (Jovem).

"[Seria bom] que tivesse também mais segurança, porque nas escolas aqui não tem nem uma guardinha. Durante o dia tem, mas à noite não" (Jovem).

Para além do acesso, permanência e conclusão, as evidências mostram **resultados pouco satisfatórios** no ensino médio, em especial para os estudantes do noturno. Isso no sentido de propiciar **aprendizados significativos e relevantes para potencializar o desenvolvimento dos estudantes em múltiplas dimensões:** pessoal, profissional e da cidadania.



"Uma boa escola precisa de duas coisas fundamentais: um bom professor e um bom currículo. Nesse mundo em que a informação é infinita, é muito difícil você ter uma escola só com 5 horas. Já é insuficiente. Se eu estou falando à noite, eu só estou falando em 4 horas. Então, você não tem muito que fazer, na minha visão" (Especialista).

"O professor da noite dificilmente é professor bom. Professor não quer ir pra noite, porque tem risco pra ele também. Além disso, professor com dois vínculos não tem vida. Inclusive por isso, a escola de período integral é interessante: pode tirar o professor da noite" (Especialista).

"Um dos fatores que os jovens trazem é que é muito esforço, mesmo com políticas públicas, mesmo com apoios e possibilidades de acesso. Estar estudando exige muita energia, muito esforço. Se você tem a sensação de que aquilo que você está fazendo não tem retorno, do ponto de vista da inserção social, da inclusão, da inserção no mercado de trabalho, é muito angustiante" (Especialista).

Na visão dos e das jovens, principalmente no que diz respeito ao ensino e à aprendizagem:



"Vim pra noite, pois não tinha vaga de manhã, mas quero mudar pra manhã, pois de noite não tem muita aula e o pessoal parece que não presta atenção. E aí, fica todo mundo atrapalhando, não tem muita responsabilidade de estudar. Eu queria mudar pra de manhã, pra tentar estudar melhor" (Jovem).

"Na minha opinião, à noite é completamente diferente, e não só pelo fato de termos menos aulas... Também tem o comprometimento dos professores, que é o que eu mais percebi (...). Tipo assim: você quer estudar, ótimo, maravilhoso. Mas se você não quer, o problema é seu, não vai ter professor nenhum pegando no seu pé. Se você quer ficar fora da aula, você fica, não vai ter aquela cobrança que tem de dia. De noite é você por você. Se você quer, você faz, senão, o problema é seu. Professor nenhum vai atrás de você e de dia é o que geralmente acontece, né? O professor pegando no seu pé pra você entregar atividade, pra você ficar quieto, pra você não ficar matando aula..." (Jovem).

"Eu mesma estudava à noite porque eu queria, porque eu não trabalhava. À noite, é muito horário vago... Eu mesma ia só pra brincar, não ia pra estudar. Eu também andava com gente que não estava nem aí e isso influencia, querendo ou não" (Jovem).



"Tem gente que estudava na minha sala e passava o dia inteiro empinando pipa, jogando bola, brincando, fazendo nada. Tinha até gente que roubava durante o dia e que ia pra escola e roubava na escola também. Não tinha nada o que fazer durante o dia, daria pra estudar, mas que achava legal estudar à noite. Pessoas assim deveriam colocar pra estudar durante o dia, eu acho que seria melhor" (Jovem).

"Eu queria falar sobre a tranquilidade que é estudar à noite. Na minha escola, um monte de professores elogiava, falando que tinha mais progresso... Os alunos estão lutando muito pra que volte as turmas noturnas" (Jovem).

Vale comentar que a maioria dos jovens estudantes é solidária com os professores que lecionam no período noturno. Ainda que compreendam a situação dos docentes, reconhecem que a falta de estrutura traz desafios para a aprendizagem. Além disso, apontam, em alguns casos, críticas aos professores mais exigentes.



"Como os professores entendem que o horário é pouco, eles têm que diminuir as aulas, explicar com mais facilidade... Eles procuram o melhor jeito de explicar e muita gente acaba entendendo. Quem acaba não entendendo, consegue ir nas aulas à tarde, que tem os reforços" (Jovem).

"O ensino à noite pra mim foi muito ruim. (...) você não consegue aprender quase nada. Teve um monte de professor que foi embora... Mas também dá pra entender o professor, pra ele é cansativo e não compensa. Muito professor reclamava que o dinheiro, só dele pegar um uber pra escola, já não compensava, pois eram só duas salas..." (Jovem).

"O professor não está nem aí se você trabalha ou não, se você passou o dia inteiro em casa ou se você passou o dia inteiro trabalhando. No dia que ele passar um trabalho pra você entregar, não importa o que você tenha feito, se atrasou e não conseguiu chegar, não importa o motivo, ele quer o trabalho e se você não conseguir entregar, ele tá nem aí pra você, você vai ficar sem a sua nota e vai precisar se virar para conseguir ela" (Jovem).

Aos **complexos desafios** para assegurar uma oferta de qualidade para as turmas noturnas, **somam-se aqueles relativos à implementação do Novo Ensino Médio**. O tema está sendo intensamente debatido após seu primeiro ano de implantação em todo o território nacional. Vários aspectos da nova proposta, ainda que vistos positivamente quando se pensa nas turmas que estudam durante o dia, parecem constituir-se em desafios **altamente complexos para escolas, professores e estudantes do período noturno**.

De um lado, reconhecem-se as especificidades dos estudantes que procuram essa modalidade. E reconhece-se também sua importância para **assegurar uma diversidade de oferta. Uma diversidade necessária para ampliar ao máximo as oportunidades de acesso** de um público **particularmente heterogêneo e potencialmente mais vulnerável**.

De outro lado, também são **reconhecidas as limitações concretas** para efetivar uma oferta de qualidade. E, em especial, diante das mudanças propostas pelo Novo Ensino Médio.



"A reforma do ensino médio é desastrosa para o EM-N. Passamos os últimos quatro ou cinco anos renegando a pouca especificidade que fora conquistada para o noturno, trazendo a BNCC e a reforma do ensino médio, sem leitura crítica ou adaptação para esse público do noturno. O risco é de termos uma escola noturna que reprova, com muita evasão, considerada como de pouca qualidade. Não vai dar certo" (Especialista).

"Como o EM-N vai incorporar as diretrizes da BNCC e do Novo Ensino Médio, eu não sei te dizer. Eu acho que o ensino médio, em geral, é um abacaxi. Se não fosse complicado, já teria se resolvido" (Especialista).

A perspectiva da maior parte dos e das jovens, especialmente daqueles que vivenciaram o primeiro ano de implantação do Novo Ensino Médio, é claramente crítica. Eles têm pouca clareza sobre a proposta curricular, percebem dificuldades dos professores no ensino das novas disciplinas, receiam estar deixando de aprender conteúdos importantes para o bom desempenho em futuros processos seletivos.

Todos, e em particular aqueles que estudam à noite ou em escolas de tempo integral, rejeitam fortemente a ampliação de carga horária e a duração dos cursos.



"O Novo Ensino Médio meio que atrapalha [quem estuda] de manhã ou à tarde. Eles têm uma aula a mais, então, a carga horária deles é maior. Mas em questão de qualidade de aula, é a mesma coisa" (Jovem).

"Na minha escola não tem essa carga horária maior, não. E ficou bastante pesado pra gente. Tira dois dias da semana pra colocar eletivas, trilhas, entendeu? Isso muda muito os estudos. Tipo, matemática eu só tenho duas vezes na semana e só um horário. Vou aprender o que de matemática? Nada! E as trilhas e as eletivas, dos professores que ensinam, é totalmente ao contrário do que eles estudaram. Tem coisas que eles nem sabem o que é, o que explicar" (Jovem).

"Eu tenho estudo orientado, projeto de vida, eletivas (...). Eu acho que não vai servir de nada... Só o projeto de vida, que até ajuda a gente em alguma coisa... Tem outras matérias que eu esqueci o nome também. Fora projeto de vida, as outras são meio que inúteis" (Jovem).

"Tenho as aulas normais, só que aqui é dividido assim, o primeiro semestre tem história, geografia, filosofia, sociologia, só não tem química e nem outras matérias, entendeu? Mas português e matemática e educação física são essenciais, não saem. Eu acho que acaba bagunçando bastante a vida de um aluno que quer fazer concurso, quer estudar para o Enem, quer fazer uma faculdade" (Jovem).

"Às vezes, o aluno vai tirar uma dúvida com o professor e o professor tem mais dúvida do que o aluno. Isso não faz sentido! Antigamente, com o nosso ensino padrão, não tinha essas dúvidas, era um especialista na aula. Beleza, o professor não tem culpa, porque ele tem que fazer o itinerário maluco... E, cara, tá difícil de aturar! Na internet, eu vejo muito vídeo sobre isso da galera falando. Tem um cara no YouTube que eu sigo, e ele fala muito que a escola não é nada mais nada menos que um lugar onde você passa horas aprendendo a decorar o conteúdo uma hora antes da prova e uma prova que você vai jogar no lixo depois (...). A escola está ali pra cumprir um papel e esse papel nunca é cumprido" (Jovem).

"O Novo Ensino Médio é uma bagunça" (Jovem).



"Tem aulas de eletiva, de trilhas que não têm nada a ver com a escola... Mas os professores são obrigados a ensinar pra gente, eles não podem escolher o que eles querem" (Jovem).

"Esse Novo Ensino Médio ninguém tá gostando, não tá agregando em nada. Não só na minha escola, conversei com amigos sobre assunto e todos dizem o mesmo. Não dá pra entender o conteúdo, não tem tempo pra entender o conteúdo, as matérias não fazem sentido. Antigamente, era bem mais claro. Até mesmo os professores comentam sobre o assunto de forma negativa, pois não tá ajudando os alunos a se desenvolverem, o conteúdo realmente não se encaixa, tem pessoas que se perdem (...)" (Jovem).

"A principal questão da minha escola, o principal problema é o material: eles pedem pra dar aula de robótica, informática, mas só tem cinco ou seis computadores funcionando e não tem material pra fazer o que se pede" (Jovem).

"No outro ano eu não vou ter essa escolha, não vou poder estudar de dia, porque o Novo Ensino Médio, pelo menos aqui na minha escola, eles tiram esse privilégio dos alunos, de quando chega aos 18 anos, não pode mais ficar na escola" (Jovem).

"Estando no noturno, eu não ia suportar o Novo Ensino Médio, porque a gente já tá acostumado com uma rotina... E com as coisas que têm que fazer durante o dia e à tarde, não ia ter mais como fazer. Eu ia ter que fazer [o horário ampliado do Novo Ensino Médio], mas é meio cansativo demais" (Jovem).

"Se fosse pra eu ficar o dia todo na escola, eu desistiria. Eu tenho que cuidar da minha filha, eu tenho que fazer almoço pro meu esposo, tenho que fazer as coisas em casa, ainda teria que fazer as atividades" (Jovem).

"Como ele diz, não tem professor qualificado pra isso, então o professor tá sempre 'se virando nos 30', fazendo um monte de coisa que ele nem sabe, pra tentar compensar" (Jovem).

A proposta de reorganização curricular e, em particular, **a ampliação de carga horária** tornam-se ainda mais complexas para o período noturno. Aparentemente sem considerar com a devida atenção os contextos e os públicos do período noturno, sugere-se **uma carga horária diária menor do que no diurno** (que passaria a ter cinco aulas diárias). Isso seria **compensado pelo aumento na duração do curso para quatro anos, ao invés de três.**



"Se você falar que tem um ensino médio à noite, você não pode colocar quatro anos pro jovem. É demasiado, eles não aguentam. E você não pode ampliar para 5 horas... Então, tecnicamente, não dá pra você fazer noturno de 5 horas, e isso tá na lei" (Especialista).

"Alunos não chegam na hora e saem antes porque precisam pegar o transporte coletivo e por causa da segurança" (Especialista).

"O EM-N não é uma modalidade à parte (...). Eu acho impossível a gente conseguir oferecer os direitos que a gente está colocando no ensino médio regular, com BNCC, com os itinerários formativos, num Ensino Médio Noturno. Então, na verdade, eu vou privar o estudante do direito que acabei de falar, que tenho que garantir a ele. É melhor eu tentar criar condição pra que ele vá estudar só de manhã ou só de tarde" (Especialista).

Segundo os e as estudantes que participaram dos grupos focais, para além das mudanças curriculares, a ampliação do tempo dedicado às aulas é um aspecto percebido de modo ainda mais negativo.



"O integral é muito puxado, você não tem tempo de fazer nada, muito trabalho, muita prova. Aí acaba tomando quase todo o seu tempo" (Jovem).

"No integral você fica cansado da escola mentalmente. Eu vou pra escola e fico o dia inteiro. É tão chato! Tenho que ficar lá fazendo lição, mas chega uma hora que cansa. Depois chego em casa e dá tempo de estudar 2 horas e dormir. Fica uma rotina chata, o cansaço é mental" (Jovem).

"O ensino integral é patético e não só o integral. Cara, é impossível! Tá tudo muito difícil, muito chato. O tempo que você perde pra entender qual a função dos 'paranauê', mano, a escola te impede de ter mais habilidades, projeto de vida" (Jovem).

"Dos que estudaram comigo no ano passado, da minha sala, 22 pessoas desistiram do ensino integral (...). Tem gente que foi pro ensino regular e tem gente que foi pro período noturno. Inclusive, todos eles começaram a trabalhar depois que foram pro ensino noturno" (Jovem).

Em médio prazo, será importante analisar em que medida o Novo Ensino Médio e os itinerários formativos podem ser estruturados. Isso vai depender das regras de implementação, e levar em conta as concepções que as redes de ensino, gestores escolares, professores e até mesmo os estudantes possam ter das habilidades e potencialidades dos alunos do noturno. A existência de baixas expectativas, associadas aos desafios estruturais e pedagógicos discutidos anteriormente, poderia contribuir para agravar as desigualdades enfrentadas por esse grupo de estudantes. E adicionar novos fatores a serem considerados.



PERSPECTIVAS PARA O ENSINO MÉDIO NOTURNO

Mesmo diante de tantos desafios, o **EM-N** – em maior ou menor grau, segundo a visão de cada especialista consultado – **tem seu papel na composição da oferta educacional** brasileira.



"Esses 20% que vão pro noturno, eles não vão pro diurno, eles não têm condições, devido às condições de vida, de trabalho. É ilusório achar que você zera a matrícula no noturno, não tem jeito. A menos que se queira que uma parcela fique fora da escola, mesmo na faixa de 15 a 17 anos" (Especialista).

"Claro que vai ter exceções. Eu sou contra, mas pode ter ocasiões em que é necessário. E eu acho o seguinte: gente mais velha não [deve estar] no regular, deve estar na EJA. Tem que corrigir, não pode ter essa repetência, esse atraso. Isso é uma coisa que a gente tem que acabar" (Especialista).

A **diversidade de perfis das juventudes** sugere a necessidade de uma maior flexibilidade na oferta, capaz de **acolher diferentes demandas**. Daí o consenso sobre a necessidade de estruturar os componentes pedagógicos levando em conta os contextos de vida dos estudantes.



"A educação não é a única dimensão na vida dos jovens – basta olhar o Estatuto da Juventude, que têm 13 capítulos. É preciso sempre olhar o direito à educação junto aos outros direitos. É claro que a educação é uma das grandes prioridades, e tanto Estado, como a família e a sociedade têm de garantir esse direito. Mas é importante compreender que os jovens, como sujeitos que vivem uma etapa de vida de construção de autonomia e experimentação, e de aumento das responsabilidades relativas, pessoais, familiares e sociais, precisam vivenciar e ter a garantia de direitos em outras esferas também. E talvez o nosso desafio, o desafio de quem pretende propor políticas públicas, seja o de garantir o exercício concomitante desses direitos. O alerta que eu gostaria de fazer é o de que não podemos montar uma proposta na qual o direito à educação, para os jovens, só possa ser garantido se ele for exclusivo; ou apenas para quem o possa viver com exclusividade. Se a gente vai por esse caminho, estamos condenando os jovens trabalhadores a não terem seu direito à educação garantido. Ou a não terem seu direito a uma educação de qualidade. Temos que ter imaginação e capacidade de elaboração suficientes para pensar em modalidades que acolham os jovens trabalhadores, para que possam fazer um ensino médio com qualidade" (Especialista).

Os especialistas convidados a contribuir com essa reflexão, ainda que não tenham visões convergentes sobre o volume da oferta e o papel estratégico do EM-N, reconhecem que é necessária a manutenção de turmas no período noturno para determinados perfis de estudantes. E mesmo para aqueles entre os 15 e os 17 anos, cujo acesso à educação básica é garantido como direito.

Os que consideram que tal oferta deveria ser limitada a um mínimo sugerem, dentre outras medidas, a introdução de apoio financeiro aos estudantes. Isso para que possam se dedicar integralmente aos estudos.

Já quem acredita que a oferta deveria ser amplamente acessível, de forma a suprir a demanda, vislumbra a necessidade de adaptações curriculares e de carga horária. Na prática, essas adaptações configurariam o EM-N como uma modalidade com características bastante diferentes do Novo Ensino Médio.

Para os jovens que estudam ou prefeririam estudar à noite, bem como para aqueles que consideram a possibilidade de voltar a estudar para concluir sua educação básica, a percepção é unânime e clara:



"Tem que ter escola à noite, entendeu? Pra ter essa variedade, para as pessoas que trabalham o dia todo e querem estudar e se formar. Eu mesma, eu vou arrumar um trabalho agora e não vou ter mais essa opção de estudar de dia, eu vou ter que estudar à noite" (Jovem).

"Acho que deveria [ter vagas no ensino médio regular à noite], mas não pra quem vai à noite só por ir, só pra bagunçar, mas pra quem realmente precisa. Tem gente que tem filhos e só vai ter alguém pra cuidar à noite. É bem complicado, tem pessoas que trabalham o dia inteiro pra sustentar os filhos, tem gente que trabalha pra pagar aluguel, deveria ter, por essas pessoas" (Jovem).

A articulação entre o currículo tradicional e a preparação para o mundo do trabalho – ainda que não explorada com profundidade – também aparece como um caminho promissor. Há tanto um alinhamento com o NEM quanto com o perfil mais vulnerável do estudante do período noturno.



"Inúmeros estudos e debates já mostraram que quanto mais diversificada for a oferta, melhor. Foi feita a sugestão de três frentes de atuação para melhorar a situação atual do Ensino Médio Noturno: 1) incidência+política: produzir diálogo; 2) pensar currículo: organização curricular específica para esse público; e 3) produzir dados para qualificar essas iniciativas" (Especialista).

"(...) pensar como ajustar conteúdo pedagógico, mas tem que pensar muito em quem é o sujeito que demanda esse ensino" (Especialista).

"No noturno, como você tem demandas diferenciadas, a dificuldade está em você pasteurizar as mesmas demandas. Talvez sinalizar: 'essa daqui é uma escola média noturna que vai preparar pro vestibular, ou vai jogar pra frente, essa aqui, não, essa tem uma pegada mais profissional...', porque, na verdade, a grande contradição é essa: você não vai ter um modelo único pra demandas diferentes" (Especialista).

"Se a gente não envolver o jovem com a visão de futuro, que é o projeto de vida, com atividade relacionada a isso, a escola não é interessante. A escola é chata. A escola integral, nesse modelo, cria todo um mundo de oportunidades. [...] Eles vão estudar, estão pensando na faculdade, eu quero ser isso, quero ser aquilo... essa é uma marca da escola integral" (Especialista).

"Eu acho que tem uma coisa que é encarar o Ensino Médio Noturno como algo temporário, que precisa ser reduzido ao longo do tempo. Ao longo desse tempo, ele precisa ser qualificado, não pode esquecer esses jovens que estão ali. Mas eu não apostaria numa vertente de fortalecimento dessa política pública" (Especialista).



“O modelo ideal que a gente defende é que o EM-N termine e que a gente consiga atender os jovens com necessidade de trabalho, de complementação de renda, de outra forma. Como algo que vem sendo mais disseminado agora no Brasil, muito por conta da pandemia, que é dar bolsa pros jovens estarem na escola e concluírem o ensino médio. Essa é uma política (...) sobre a qual precisa ter muito mais reflexão, estudo, produção de conhecimento, análise de impacto, pra ter um bom modelo de manutenção de bolsa de permanência e conclusão do jovem no ensino médio” (Especialista).

“O problema é que nós não desenhamos o pós. Por inércia, o pós virou a universidade. Como nosso modelo é universidade de pesquisa e isso é caro, você fica num drama depois por questão do atendimento de demanda. É necessário pensar no modelo dos institutos federais, num sistema de formação mais curto, que desafogaria o sistema e daria uma resposta de qualidade, mais capilarizado... oferecendo cursos técnicos de qualidade, com inserção profissional real. Não é difícil formular alternativa. O grande problema é que você tem que fazer isso articulado com as universidades, pra você ter alguma possibilidade de continuidade pra quem faz esses cursos e quer continuar. Uma parte grande teria terminalidade, porque se profissionaliza e consegue ir pro mercado de trabalho. E você teria condições de pensar nisso dentro de projetos de desenvolvimento local” (Especialista).

Um aspecto ressaltado por todos e todas as especialistas refere-se às possibilidades da tecnologia. Ela poderia ser usada tanto no sentido de tornar conteúdos e objetivos de aprendizagem mais relevantes e atraentes para os estudantes, como, especialmente no caso do ensino noturno, para atender as necessidades da comunidade escolar. Isso inclui viabilizar a crescente carga horária, adequar as especificidades dos itinerários formativos, contemplar a diversidade de perfis do alunado e dos contextos nos quais estão inseridos estudantes, professores e escolas.

As condições, no entanto, não estão dadas para que isso aconteça. São necessários investimentos em infraestrutura para assegurar o acesso, bem como em desenvolver competências nos estudantes e educadores para dar sentido a seu uso.



“A pandemia mostrou que sem tecnologia não vivemos mais. Qualquer projeto vai ter que incorporar o uso das tecnologias, necessariamente combinado com o presencial. Não dá pra pensar completamente remoto nessa faixa etária. O híbrido é inevitável. É um desafio novo” (Especialista).

“Eu acho que alguma coisa híbrida tem que começar a entrar em todo o ensino, mesmo no regular. Tem que ter alguma coisa online pro aluno poder reassistir uma aula ou estudar algum tópico. Isso deveria ser geral. Agora, no noturno, muito mais poderia ser útil, mas aí você entra num problema de acesso muito grande. Essa população que procura o noturno é uma população mais vulnerável, então, assistir aula só por celular é mais difícil. Tem que ter uma banda razoável, se não fica muito difícil baixar qualquer coisa. E também precisa ter disciplina e vontade (...). Depende muito de incentivo e acesso” (Especialista).

“Acho que tem um campo pra explorar que, dado que eu tenho a tecnologia, que eu posso fazer videoaula... Não seria totalmente a distância, não acho que se deva aplicar EAD na educação básica, porque demanda uma maturidade e um foco que um adolescente não tem. O adolescente, mesmo do ensino médio, ainda precisa da assistência do professor. Aliás, uma coisa que eles amam na escola integral é ter um tutor. Ele precisa dessa relação e estreitar. Aí, quando você coloca na geladeira da EAD fica difícil. No híbrido, a gente tem que pensar, não pode dispensar” (Especialista).

Embora reconheçam desafios e limites, o ensino remoto ou híbrido parece uma boa opção para a maioria dos e das estudantes que participaram dos grupos focais.



"No meu caso, ajudaria ter aula online porque pelo menos eu teria aula. Agora eu não estou tendo aula, porque aqui não tem vaga à noite. Quando tava na pandemia, que tava tendo aula só virtual, eu conseguia acompanhar de boa" (Jovem).

"Eu acho que seria bom, tipo não pra você aprender e focar, mas pra uma pessoa que tá com dificuldade como eu, querendo trabalhar etc., seria bom sim. Seria bem menos cansativo, você poderia estudar ali no seu conforto, seria mais fácil" (Jovem).

"Seria como se você estivesse na escola, tiraria suas dúvidas. Seria bem melhor ser presencial e online, mas era uma alternativa pra quem não está fazendo nada" (Jovem).

"Eu acho que aula online ajudaria muita gente, pessoas cadeirantes... Aqui onde eu moro, as escolas não têm acesso pra eles direito, ajudaria muita gente" (Jovem).

"Muita gente pensa: 'eu vou estar no conforto de casa, então é melhor de casa'. Só que em casa tem muita distração, então vai impossibilitar de eu aprender e prestar atenção" (Jovem).

"Eu acho que fazer online não é muito bom, porque você pode desfocar muito rápido. Por exemplo, se olhar o celular não vai ter ninguém falando 'guarda o celular, presta atenção, você precisa focar'. Então, acho que deveria ser tudo no presencial" (Jovem).

"Muita gente da minha sala ia preferir o online, porque na sala eles não prestam atenção, eles iam escolher o online, mas também não iam prestar atenção também, só pra não estar na escola" (Jovem).

Em conclusão, embora vindos de diferentes trajetórias escolares e estarem vivenciando diferentes etapas de suas vidas pessoais, todos os participantes dos grupos focais concordam em um ponto. Precisa haver oferta de vagas noturnas para o ensino médio regular, de modo a possibilitar a continuidade dos estudos àqueles que precisam. Alguns colocam ênfase na necessidade de definir critérios mais seletivos, para garantir essa oportunidade para alunos que "precisam e realmente querem estudar" e não para os "bagunceiros".



"Eu acho que deveria continuar pela noite pras pessoas que precisam, deveria ser mais rígido pra você comprovar. Você vai até a escola com o diretor e comprova que você só pode estudar à noite, porque trabalha durante o dia, ou porque você tem um curso, ou porque você vai estar realmente ocupado durante o dia. E não porque você não quis estudar tal ano e você reprovou, passou da sua idade... Esses aí, você corta" (Jovem).

"Eu acredito que deveria ser disponibilizado à noite. Se o aluno vai prestar atenção ou não é mais parte do aluno do que o exterior em si. Sempre vai ter aquele que vai realmente precisar e sempre aquele que não vai valorizar, independente do caso e do que for disponibilizado. É dar uma chance para aqueles que realmente precisam" (Jovem).

"Eu acho que os jovens não querem estudar à noite. Eles só precisam!" (Jovem).

CONTRIBUIÇÕES INDIVIDUAIS DOS ENTREVISTADOS

Os especialistas entrevistados trouxeram ainda algumas contribuições individuais tratando de pontos específicos. São valiosas reflexões a partir de suas trajetórias e experiências.

Os temas abordados foram:

- Premissas para um “bom Ensino Médio Noturno”: formação geral com boa qualidade, articulada com um pós-médio com a perspectiva de formação profissional, superando a dicotomia entre o profissional e o propedêutico. A profissionalização moderna pressupõe essa formação geral comum de boa qualidade.
- Reflexões sobre como poderia ser feita a transição entre o que se oferece atualmente e uma situação na qual as turmas de EM-N fossem quase que totalmente incorporadas no período diurno: aprofundando articulações com EJA profissional, como já estabelecido no PNE.
- Referências e aprendizados a partir do Pró-Jovem Trabalhador: uma iniciativa da Secretaria da Juventude do Ministério do Trabalho e Emprego. O programa possui duas dimensões: qualificação profissional e inserção/inclusão social e cidadania.
- A necessidade de repensar o papel do Encceja – Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos: problematizando o duplo objetivo do exame ao considerar os dois públicos que propõe atender. Se o exame for rigoroso e altamente seletivo – como foi o caso das primeiras edições – praticamente exclui da certificação um público adulto para o qual teria sido originalmente concebido. Se o exame for menos rigoroso – como nas edições mais recentes – termina por aprovar a grande maioria dos postulantes, reduzindo assim o sentido e o valor da própria certificação.



ANÁLISES E SUGESTÕES DA EQUIPE DE PESQUISA

Os dados e contribuições aqui reunidos falam por si e caracterizam autênticos dilemas:

Para os especialistas:

- De um lado, um conjunto de evidências, avalizadas pela opinião de especialistas com ampla reflexão sobre o tema, apontam para a necessidade de garantir a oferta do ensino noturno. É uma forma de cumprir as determinações legais e os princípios éticos, no sentido de propiciar acesso a oportunidades educacionais a todos os jovens. E com especial foco naqueles entre os 15 e os 17 anos, garantindo a todos eles a conclusão da educação básica.
- De outro lado, as concretas limitações para garantir aos estudantes do noturno um padrão de oferta com qualidade equivalente às turmas diurnas. E, sobretudo, diante das propostas do Novo Ensino Médio, com a ampliação de carga horária e a reestruturação curricular.

Para os e as jovens:

- De um lado, a necessidade de conciliar tempos e interesses entre o estudo e outros aspectos da vida. Entre estes, aparecem os compromissos familiares (afetando de maneira muito mais evidente as meninas), a necessidade imediata de geração de renda, e a busca de uma qualificação complementar, vislumbrada por eles como mais efetiva do que aquela proporcionada pela escola.
- De outro, a compreensão dos limites e fragilidades inerentes ao período noturno, seja pela qualidade do ensino ofertado, seja pelas características do alunado.

O conjunto de dados, opiniões e percepções reunidos neste estudo deixa evidente a complexidade do tema. Pontos de vista solidamente embasados dos especialistas que contribuíram nessa reflexão por vezes apontam para lados opostos. As falas dos próprios estudantes contribuem para ilustrar os dilemas a serem equacionados. Mas não apenas: da fala desses e dessas jovens emergem desafios, compromissos, expectativas e sonhos construídos a partir de suas diversas trajetórias. Também refletem diferentes contextos de vida e projetam múltiplos futuros possíveis.

Inequivocamente, apoiadores, especialistas entrevistados e pesquisadores envolvidos na elaboração deste estudo têm um objetivo comum. Procuram caminhos para fortalecer e ampliar as alternativas e as possibilidades de êxito para o futuro das juventudes brasileiras.

Para avançar na compreensão do contexto e na exploração das possibilidades que contribuam com esse tema, apontamos alguns caminhos:

- ✓ Aprofundar o estudo, identificando características de contextos territoriais específicos daquelas redes de ensino (em especial Santa Catarina) cuja dinâmica se diferencia das demais do país. Tal aprofundamento deve ajudar a melhor compreender as relações entre a oferta e a demanda pelo EM-N, suas intencionalidades e formas de implementação.

- ✓ Aprimorar as informações – em especial em relação à cor/raça – que permitam melhor caracterizar o perfil dos e das estudantes que frequentam o Ensino Médio Noturno. E também dos jovens que não estão matriculados no ensino médio, sejam aqueles que não estão estudando, sejam os que estão em atraso em seu fluxo escolar.
- ✓ Incentivar produção acadêmica nesse campo, não apenas para suprir a falta de reflexão sobre o assunto, mas também como estratégia de trazer o tema para fóruns qualificados e influentes. E, dessa forma, permitir, inclusive, abrir a discussão sobre eventuais adequações das diretrizes como a BNCC e o Novo Ensino Médio, com foco nos direitos dos estudantes que priorizam o noturno.
- ✓ Explorar as potencialidades do ensino híbrido, considerando a possibilidade de desenvolver plataformas, conteúdos, cursos, atividades e outras formas de apoio. E, assim, permitir que os estudantes possam completar a carga horária em horários compatíveis com sua disponibilidade.
- ✓ Ampliar articulações com grupos de interesse, a fim de fortalecer o debate, organizar e mobilizar a demanda e fortalecer o advocacy.
- ✓ Aproximar a discussão dos grupos de EJA, um segmento que já conta com articulações interessantes.
- ✓ Levar o debate a entidades representativas da educação, como o CNE, o Consed, a Anped, bem como a gestores escolares, professores e estudantes.
- ✓ Ampliar o debate com grupos de interesse específicos, tais como movimentos representativos dos perfis com interesse no EM-N, como negros, mulheres (especialmente as que já são mães), residentes nas periferias dos grandes centros urbanos e outros.
- ✓ Buscar intersecções com o ensino técnico e profissionalizante, estabelecendo possíveis continuidades entre conteúdos e atividades oferecidas pela escola com as propostas de instituições que ofertam tais modalidades. Considerar ainda as demandas de formação requeridas pelos empregadores. Essa alternativa parece particularmente atrativa por uma combinação de fatores: a demanda dos estudantes, que buscam uma melhor qualificação para sua inserção profissional, e a aproximação entre a escola e o mundo do trabalho, preconizada pela proposta do Novo Ensino Médio.
- ✓ Promover uma escuta permanente e atenta das percepções, expectativas e proposições das juventudes e de seus professores. E assegurar espaços e práticas sistemáticas de discussões qualificadas, informadas e voltadas para a construção de consensos.

Esperamos que o conteúdo aqui apresentado possa ilustrar a riqueza do debate e servir como base para encaminhamentos e propostas de ação focadas em garantir uma educação de qualidade para as juventudes brasileiras em toda sua diversidade.

FICHA CATOGRÁFICA

Autoria

Ana Lima D'Império Lima
(Conhecimento Social)

Fernanda Cury
(Conhecimento Social)

Coordenação Técnica

Rosalina Soares
(Fundação Roberto Marinho)

Bartholomeu Eneias Gomes da Silva
(Instituto Fefig)

Andrea Lopes Figueiredo
(Instituto Fefig)

Tratamento e Análise de Dados

Katcha Poloponsky
(Fundação Roberto Marinho)

Felipe Santos
(Fundação Roberto Marinho)

Edição e Revisão

Alex Criado

Design

Ana Luiza de Andrade
(Instituto Fefig)

